

Fatores que impedem as conexões de jovens pobres com o mercado de trabalho: um estudo no Complexo do Caju, Rio de Janeiro

Malcolm Bush

Doutor em psicologia social e assuntos urbanos. Presidente do Instituto Woodstock, sediado em Chicago, EUA. No Brasil é membro honorário do Conselho Diretor do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (Ciespi) em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

E-mail: mbush@woodstockinst.org

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever as condições e características dos jovens residentes no Complexo do Caju, Rio de Janeiro, que apresentam impacto direto em suas relações com o mercado de trabalho. Estas condições referem-se, sobretudo, à sua formação educacional e às experiências de trabalho, bem como suas aspirações profissionais e o seu histórico familiar. A análise foi realizada a partir de dados quantitativos e qualitativos e demonstra que existe número significativo de jovens que precisa ampliar a sua formação educacional de forma a melhorar suas oportunidades de trabalho. Sem a formação educacional e a participação no mercado de trabalho, estes jovens enfrentam o risco de serem desconectados permanentemente da sociedade brasileira.

Palavras-chave

Jovens. Mercado de trabalho. Complexo do Caju.

Factors which hinder connections of poor youth to labor market: data from a survey carried in Caju Complex, Rio de Janeiro

Abstract

This article describes some of the characteristics of youth living in the low-income communities of the Caju Complex in Rio de Janeiro related to their connections to the job market. The data for the article come from an extensive survey of residents and young people in Caju about many aspects of their lives but including their educational and work experiences and their job aspirations. Through examination of available quantitative and qualitative analysis, the study demonstrate that there is a high percentage of youth in need of continuing their formal education in order for them to have better opportunities in the job market. Without them these youth may be excluded permanently from the Brazilian society.

Keywords

Job market. Young people. Caju Complex.

INTRODUÇÃO

O presente artigo irá analisar os fatores que influenciam a conexão do jovem ao mercado de trabalho no Complexo do Caju, localizado na região portuária na cidade do Rio de Janeiro, a partir de dados quantitativos e qualitativos de uma amostra realizada com as famílias residentes na região.

Em fevereiro de 2005, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou as bases para a política de seu governo, visando focalizar a questão da empregabilidade de jovens no país, como resposta à proposta lançada em 2003 para combater o desemprego juvenil. O Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE)¹ teve como principal objetivo apresentar estratégias para diminuir os altos índices de desemprego entre os jovens de 15 a 24 anos de idade.

Embora esta política seja direcionada para o contexto brasileiro, ela reflete uma preocupação internacional com a questão da empregabilidade e das condições econômicas dos jovens. No mesmo momento em que o presidente Lula estava lançando as bases do seu programa para o primeiro emprego, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) lançou os documentos *Youth Employment: From a National Challenge to a Global Development Goal* (Empregabilidade de Jovens: de um desafio nacional para uma meta global) e *Youth pathways to decent work, Report VI: Promoting youth employment-tackling the challenges*² (Relatório VI: promovendo a

¹ Ministério do Trabalho, Brasília, fevereiro de 2005.

² Youth pathways to decent work, Report VI: Promoting youth employment-tackling the challenges (Relatório VI: promovendo a empregabilidade de jovens), International Labor Conference, 93rd session, International Labor Office, 2005.

empregabilidade de jovens), que serviria de base para a conferência do G8 sobre Trabalho e Emprego³.

Esses documentos ressaltaram a urgência da falta de conexões de jovens com o mercado formal de trabalho, salientando os efeitos multiplicadores ao longo da sua vida. Entre os exemplos citados, destacam-se os seguintes: o desemprego juvenil alimenta os conflitos armados e o crime; nos países em desenvolvimento uma das preocupações centrais é a falta da oferta de empregos, assim como o grande número de jovens na economia informal; o alto índice de infecção pelo vírus HIV; a discriminação de gênero e número significativo de jovens no setor agrícola.

Os dados estatísticos internacionais disponíveis sobre empregabilidade e juventude não permitem comparações aprofundadas entre os países, a não ser quando se trata de informações de caráter macro. No entanto, estas informações podem se mostrar extremamente relevantes, em especial, se a análise for enriquecida com dados sobre emprego/desemprego de jovens a partir dos contextos em que estão inseridos.

Diversas pesquisas quantitativas conduzidas pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets)⁴ sobre jovens e suas famílias incluíram questões sobre conexões com o mundo do trabalho. Este artigo irá analisar parte dos dados coletados pelo instituto sobre esta temática⁵, mais especificamente no Complexo do Caju, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

³ Youth Employment: From a National Challenge to a Global Employment Goal (Empregabilidade de Jovens: de um desafio nacional para uma meta global), *paper* da OIT para a Conferência sobre Trabalho e Emprego do G8, Londres, março 2005.

⁴ O Iets é uma organização sem fins lucrativos voltada para a produção e disseminação de conhecimento nas áreas social e do trabalho. Para maiores informações consultar: www.iets.org.br

⁵ O autor mostra-se extremamente agradecido ao Iets por disponibilizar os dados. Em particular, agradece a André Urani e Adriana Fontes pelo acesso completo aos dados e pelo auxílio na compreensão da estrutura dos arquivos. Os resultados da pesquisa estão disponíveis no *Relatório Final: Pesquisa da Juventude no Caju*, Iets, fevereiro de 2004. Neste artigo, distintas análises foram realizadas a partir dos dados apresentados nesse relatório, mas na maioria, constituem novas abordagens para os dados.

A PESQUISA NO COMPLEXO DO CAJU⁶

Na cidade do Rio de Janeiro existem aproximadamente 750 favelas⁷, e a escolha pelo estudo do Caju refere-se à existência de duas pesquisas extensas realizadas pelo Iets nos anos de 1997 e 2000, em parceria com a Secretaria de Trabalho do Rio de Janeiro, que encomendou uma pesquisa sobre as condições socioeconômicas de 51 comunidades de baixa renda na cidade. Um dos critérios estabelecidos para a seleção das comunidades era a implementação do projeto Favela-Bairro. Este projeto, realizado desde 1994, apresenta como principal objetivo integrar as comunidades de baixa renda à cidade, por meio do investimento em infra-estrutura.

O critério para seleção das comunidades beneficiadas pelo Favela-Bairro não está muito claro, mas elas foram escolhidas em distintas regiões da cidade. O Iets selecionou o Complexo do Caju, dentro do universo das 51 comunidades, considerando que, “mesmo estando próximo ao centro da cidade e tendo recebido investimento público e privado, apresentava índices baixos de desenvolvimento humano”⁸. Outro fator importante é que uma das empresas financiadoras da pesquisa estava alocada perto do complexo.

Os investimentos públicos e privados e a proximidade com o centro da cidade do Rio de Janeiro oferecem algumas vantagens econômicas, como por exemplo, um sistema de transporte público eficiente, possibilitando que os moradores do Caju tenham grande circulação entre as distintas partes da cidade. Uma das conseqüências é a maior facilidade para encontrar trabalho, ao contrário de pessoas que residem em favelas mais afastadas como, por exemplo,

⁶ Neste artigo serão utilizados os termos Complexo do Caju ou Caju para identificar a mesma região, composta por nove comunidades localizadas na região portuária da cidade do Rio de Janeiro, e que foram mapeadas pela pesquisa realizada pelo Iets. O Complexo do Caju reúne aproximadamente 24.544 pessoas.

⁷ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não utiliza oficialmente este termo, mas sim, *aglomerado subnormal*. Esta definição reúne pelo menos 51 modalidades de ocupação em propriedades públicas e privadas. Esta ocupação se dá em caráter aleatório, altamente concentrada, em geral, não apresenta serviços públicos básicos, e coaduna-se com uma definição aceita internacionalmente desde 1987.

⁸ Apresentação Análise das Informações Socioeconômicas do Complexo do Caju, São Paulo. Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), sem data.

as existentes nas Zonas Norte e Oeste. Muitas mulheres de baixa renda trabalham como empregadas domésticas para famílias das classes média e alta, e a proximidade das residências facilita sobremaneira a sua inserção no mercado de trabalho. Para os homens, esta proximidade também se mostra favorável.

Há, no entanto, grande heterogeneidade entre as favelas cariocas, e uma amostra representativa teria de incluir número considerável de comunidades. Uma amostra desta proporção inviabilizaria uma pesquisa aprofundada, já que o número de respondentes teria de ser alto para minimizar os riscos de generalizações, em especial, devido à grande quantidade de variáveis já incluídas na amostra. Mais ainda, as dificuldades enfrentadas por jovens de baixa renda para encontrarem trabalho, mesmo para aqueles que residem próximos às famílias de classe média, é ilustrativo dos desafios estruturais enfrentados pelos jovens pobres localizados nas áreas com maior oferta de trabalho.

Existem dados comparativos sobre o Caju que auxiliam no processo de contextualização desta área. Estes dados indicam que, em geral, as condições socioeconômicas não são muito diferentes das demais comunidades de baixa renda. Porém, os dados comparativos disponíveis são para as comunidades localizadas no município do Rio de Janeiro, e não a região metropolitana da cidade, ou seja, excluem as comunidades mais pobres situadas na periferia.

De acordo com dados de 2002, o rendimento médio *per capita* dos adultos empregados no Complexo do Caju era de R\$170,00 reais⁹. Para a municipalidade do Rio de Janeiro, excluindo as comunidades de baixa renda, este valor era de R\$ 380,00 reais. O mesmo relatório apontou os índices de analfabetismo no Caju na faixa de 14%, em comparação a 10% nas demais comunidades de baixa renda e 3% no Rio como um todo, excluindo as comunidades de baixa renda¹⁰.

⁹ Apresentação Análise das Informações Sócio-Econômicas do Complexo do Caju, São Paulo. Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), sem data, p.18.

¹⁰ Este modelo de apresentação dos dados foi adotado pelo relatório da FIRJAN, e ao excluir os índices de analfabetismo nas comunidades de baixa-renda acaba gerando uma redução artificial do índice de analfabetismo no município do Rio de Janeiro. Por esta razão os dados sobre a cidade devem ser analisados excluindo as comunidades de baixa-renda. Firjan, sem data, p.22.

O número médio de anos na escola, entre as pessoas com 25 anos de idade ou mais, era de cinco anos, semelhante aos índices apresentados nas demais comunidades de baixa renda, enquanto para a municipalidade do Rio, isto é, excluindo as comunidades de baixa renda, a média era de nove anos¹¹. No Caju, 25% dos jovens de 18 a 21 anos de idade não estavam freqüentando a escola nem trabalhando, em relação aos 13% para a municipalidade do Rio, ou seja, mais uma vez, excluindo as comunidades de baixa renda¹². Por fim, enquanto aproximadamente 2% dos residentes jovens do Caju e de outras comunidades pobres da cidade, com 25 anos ou mais, ingressaram no ensino universitário, o mesmo percentual para o Rio de Janeiro, excluindo as comunidades de baixa renda, era de 24%¹³.

O Caju, comparativamente às comunidades de baixa renda na região metropolitana da cidade, continua sendo uma comunidade essencialmente pobre. O relatório final produzido pelo Iets identificou que, em 2002, 40% dos residentes podiam ser considerados pobres, ou seja, com rendimento mensal médio inferior a R\$ 143,00 reais¹⁴, e cerca de 10% estavam abaixo da linha de pobreza. Entre os dados coletados sobre o Caju, destacam-se os seguintes: das 562 iniciativas de caráter comercial, 184 eram bares e 53 lojas estavam vazias. Da população com 25 anos de idade ou mais, 74% não haviam completado o ensino fundamental. Metade dos trabalhadores possuía carteira assinada e 20% tinha pequenos empreendimentos. Enquanto grande parte dos domicílios apresentava bens de consumo duráveis, como refrigeradores e aparelhos de televisão, 11% possuíam carro. Para 40% dos residentes, a violência constituía o principal problema na comunidade. Em torno de 50% afirmaram que a motivação para residir no complexo era o baixo custo do aluguel, comparado às outras partes da cidade, e menos de 10% citaram

¹¹ FIRJAN, s.d. p.24.

¹² FIRJAN, s.d. pp.23-24.

¹³ FIRJAN, s.d. p.27.

¹⁴ Nos últimos anos, o valor do real sofreu variações consideráveis. No período que antecedeu ao primeiro mandato do presidente Lula em 2002, U\$ 1 dólar equivalia a R\$ 4 reais. Neste momento, U\$ 1 dólar equivale em média a R\$ 2.10 reais.

a proximidade com o local de trabalho como um dos principais atrativos do lugar¹⁵.

METODOLOGIA DA PESQUISA DESENVOLVIDA PELO IETS

O projeto desenvolvido pelo Iets incluiu a realização de duas pesquisas. A primeira, conduzida em outubro de 2002, *Estudo Socioeconômico das Comunidades do Caju*, constituiu uma mostra probabilística de todos os domicílios particulares permanentes¹⁶. A outra, *Estudo sobre os Jovens nas Comunidades do Caju*, realizada em 2003, incluiu todos os jovens residentes nos domicílios mapeados na pesquisa anterior.

Em 2002, aproximadamente 24.544 pessoas residiam no Caju, em 7 mil domicílios (1.664 domicílios foram incluídos na amostra e o percentual de respostas atingiu 74%). Em 2003, 893 crianças e jovens de 10 a 24 anos estavam residindo nos mesmos domicílios. O número aparentemente baixo de jovens decorre do fato de não terem sido incluídas as crianças com menos de 10 anos de idade. Da mesma forma, muitos jovens de 10 a 24 anos poderiam não estar residindo com suas famílias e, portanto, não foram incluídos no estudo. No relatório final sobre os jovens, a equipe de pesquisa do Iets analisou a amostra, incluindo as várias estimativas existentes sobre a população do complexo. Em nosso texto, no entanto, para clarificar a análise, utilizamos os dados brutos coletados durante as duas pesquisas.

Desta forma, o objetivo deste artigo é descrever as condições e características dos jovens residentes no Caju que apresentam impacto direto em suas relações com o mercado de trabalho. Estas condições referem-se, sobretudo, à sua formação educacional, às experiências de trabalho passadas e presentes, bem como a suas aspirações profissionais e histórico familiar.

FORMAÇÃO EDUCACIONAL

A formação educacional é um dos principais determinantes para o sucesso na vida profissional; no entanto, a formação da população jovem do Caju é extremamente fragmentada, como ocorre com grande parte da população jovem e pobre no Brasil. Esta condição é de certa maneira herdada dos pais, que em muitos casos não completaram a formação básica. A pesquisa nos domicílios demonstrou que 16% dos moradores não tinham formação escolar, 37% haviam completado o ensino básico; 33% o ensino fundamental; 12% o ensino médio e 2% haviam completado o terceiro grau¹⁷. Dos jovens com 18 a 21 anos de idade, 43% estavam matriculados na escola, em função tanto do número de repetências como pelo abandono¹⁸. É importante ressaltar que este percentual pode se mostrar enganoso, já que muitos alunos apresentavam alto índice de faltas e repetências. Durante a pesquisa, foi indagado se o respondente estava matriculado na escola, mas entre aqueles que respondiam sim, muitos tinham frequência irregular.

Dos 893 respondentes, 166 relataram terem abandonado a escola uma ou mais vezes (tabela 1, a seguir); 150 responderam à pergunta “qual a principal causa para abandonar a escola?”, como sendo a “falta de interesse nos estudos” e a segunda resposta mais freqüente era “necessidade de trabalhar”. Entre os jovens, tanto os homens quanto as mulheres, o percentual que respondeu “falta de interesse nos estudos” é semelhante, enquanto para os homens a resposta “necessidade de trabalhar” era duas vezes mais freqüente do que em relação às mulheres (30% e 15% respectivamente). Entre as mulheres jovens, a resposta mais comum para o fato de terem repetido a série eram problemas familiares, isto é, 9%, enquanto para os homens era de 6%. Para 17% das

¹⁵ Maria Isabel de Toledo Andrade, Direitos de Propriedade e Renda Pessoal: Um Estudo de Caso das Comunidades do Caju, tese de mestrado, Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ), Rio de Janeiro, setembro, 2004:55.

¹⁶ Segundo a definição do IBGE, constitui-se um domicílio quando todos os residentes são familiares e amigos, ou apresentem eles afins. Um domicílio permanente é quando a motivação principal é a residência, em vez de atividades comerciais, e quando a estrutura está completa, ou seja, não se caracteriza por uma tenda ou caverna, por exemplo.

¹⁷ Tabela 2. Distribuição da Formação Educacional dos Residentes do Caju, 2002, Iets, 2004:20

¹⁸ Quando não for assinalada na nota de rodapé à pesquisa do Iets, é porque constitui uma análise realizada pelo Instituto Woodstock. Os números apresentados em ambos os estudos serão parcialmente distintos pelo fato de o Iets ter ajustado os resultados da amostra como sendo representativos da comunidade. No caso do Instituto Woodstock, foram analisados dados brutos. O Iets também contrabalançou os resultados da amostra para equiparar os índices de resposta por gênero e idade. O modelo da amostra e os seus ajustes estão descritos no relatório final, Iets, 2004:7-17.

jovens, a gravidez foi apontada como a principal causa para abandonar os estudos. É interessante notar que, para a maioria dos respondentes jovens, as razões para repetência ou abandono da escola eram creditadas a eles mesmos e não à qualidade das escolas.

O percentual de jovens que já haviam repetido série pelo menos uma vez era mais significativo do que o índice de jovens que haviam abandonado a escola, sendo as motivações diferentes (tabela 2). Dos 893 respondentes, 461 relataram terem repetido série uma ou mais vezes.

Deste total, 452 jovens identificaram os motivos para a repetência escolar, e a resposta mais comum era a dificuldade de aprendizado. Somente pequeno percentual dos jovens considerou a baixa qualidade das escolas como principal motivador para o abandono ou repetência de série. O terceiro motivo mais comum eram as brincadeiras em sala de aula. Se esta categoria for combinada com outras afins, como, por exemplo, falta de interesse, as duas categorias juntas somam 20% do total de respostas.

O fato de estar na escola não quer dizer necessariamente que o desempenho será positivo. Um dos parâmetros para se avaliar o desempenho escolar é se o aluno está atrasado ou não. Em torno de 20% dos jovens matriculados estavam cursando a série correta, enquanto 37% estavam atrasados uma série, e 20% duas séries. Os demais, em torno de 23%, estavam três ou mais séries atrasados. Um fator determinante para o aluno estar na série correta ou tê-la repetido era o fato de a escola ser pública ou privada, ou seja, 40% dos jovens matriculados em escolas particulares estavam na série correta, comparados aos 21% que freqüentavam escolas públicas (tabela 3, a seguir).

TABELA 1

Principal motivação para o abandono da escola (por pelo menos uma vez)¹⁹

Motivação	Número	Percentual
Falta de interesse nos estudos	49	33
Necessidade de trabalhar	36	24
Gravidez ²⁰	16	11
Mudança de casa	10	7
Repetência	9	6
Questões familiares	8	5
Sentimento de inadequação	8	5
Violência	7	5
Outro	7	5
Total	150	101²¹

TABELA 2

Principais motivações para a repetência escolar (pelo menos uma vez)²²

Motivação	Número	Percentual
Dificuldades de aprendizado	256 ²³	57
Falta de interesse	58	13
Problemas familiares	33	7
Falta de atenção	29	6
Sentimento de inadequação	15	3
Doença	14	3
Necessidade de trabalhar	13	3
Responsabilidades domésticas	12	2
Mudança de casa	12	2
Violência	7	2
Outro	3	2
Total	452	100

Em seguida, apresentaremos uma série de dados relacionados à natureza da escola, ou seja, se é pública ou particular. Embora não seja nosso objetivo focalizar nas escolas, estes dados indicam a relevância da questão da inserção de crianças e jovens em escolas públicas ou privadas e a conseqüente falta de acesso a oportunidades para aqueles que compõem os segmentos mais pobres da sociedade.

¹⁹ No relatório do Iets, 2004, somente as duas primeiras categorias foram incluídas, as demais foram consideradas "outras".

²⁰ Esta tabela inclui todos os respondentes. Assim, os 17% de mulheres que relataram a gravidez como principal motivação para abandonar a escola representam 11% de todos os respondentes incluídos nesta tabela.

²¹ Os percentuais somam acima de 100% em função de terem sido arredondados.

²² No relatório do Iets de 2004, as seguintes motivações aparecem como sendo as principais: dificuldades de aprendizado, necessidade de trabalhar, responsabilidades domésticas e problemas familiares. As demais motivações são incluídas na categoria "outros".

²³ Neste total estão incluídos os 256 respondentes que aparecem no relatório do Iets, 2004, e 11 respostas sobre motivações para repetência de série estão incluídas no relatório na categoria "outros".

Não é de se surpreender que a possibilidade de estudar em uma escola particular esteja diretamente relacionada à renda familiar. A opção de freqüentar uma escola particular no Caju só foi possível para as famílias com renda de R\$ 751 a R\$ 1.000 reais. Para os 15% de jovens que viviam em domicílios com esta renda, os filhos estudavam em colégios particulares. Para os domicílios com renda mensal superior a R\$ 1.500 reais, 40% dos jovens estavam matriculados em escolas particulares. É importante ressaltar que a possibilidade de estudar em um colégio privado era indicativa de outras vantagens. Enquanto 80% dos jovens em escolas particulares nunca haviam repetido uma série, este percentual era de 50% para os jovens matriculados em escolas públicas. No entanto, a diferença entre estes dois grupos de estudantes em relação às suas aspirações escolares não eram tão marcantes quanto a princípio poderíamos supor. Por exemplo, 60% dos estudantes de escolas públicas almejavam cursar a faculdade, comparados a 70% dos jovens de colégios particulares.

As tabelas 4, 5 e 6 apresentam padrões semelhantes para o baixo desempenho escolar: a) estar atrasado duas ou mais séries; b) repetência em algum momento da trajetória escolar e c) as aspirações dos jovens sobre o seu futuro escolar.

A tabela 4 apresenta regressão logística na variável dependente, demonstrando os jovens que estavam atrasados duas ou mais séries. O outro dado disponível é que, quanto mais idade tivessem os jovens, maior a probabilidade de que estivessem atrasados, em especial pela ausência de estratégias que visam à reinserção do jovem ou que o auxiliem em seu processo de recuperação. Embora a raça não

TABELA 3

Percentual de jovens com ou sem repetência escolar em função do tipo de escola

Tipo de escola	Pública		Privada		Total	
	#	%	#	%	#	%
Séries repetidas						
-1	6	1.05	3	5.26	9	1.44
0	111	19.51	20	35.09	131	20.93
1	200	35.15	26	45.61	226	36.10
2	117	20.56	4	7.02	121	19.33
3	67	11.78	3	5.26	70	11.18
4	36	6.33	0	0.00	36	5.75
5	32	5.62	1	1.75	33	5.27
total	569	100.00	57	100.00	626	100.00

TABELA 4

Regressão múltipla de jovens repetentes (duas ou mais séries)²⁴

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Coefficiente Anti-log	Resultado
Idade	0.3539	0.0377	1.4246	0.0000*
Gênero: Masculino	0.3872	0.1903	1.4728	0.0418*
Negro	0.3788	0.3536	1.4606	0.2840
Pardo	0.2585	0.2012	1.2950	0.1989
Escola Privada	-1.0791	0.4558	0.3399	0.0179*
Formação dos pais: sabem ler	-0.7879	0.3273	0.4548	0.0161*
Formação dos pais: ensino básico completo	-0.5110	0.2544	0.5999	0.0446*
Renda familiar	-0.0001	0.0002	0.9999	0.5140
Número de jovens no domicílio	0.1169	0.1016	1.1240	0.2497
Constante	-4.8373	0.6368	0.0079	0.0000
Nagelkerke- R Squared	0.2960			
N	602			

influa na condição de o jovem haver repetido série, o mesmo não ocorre com a diferença de gênero, tendo os jovens do sexo masculino 48% maior probabilidade de serem repetentes do que as do sexo feminino. Detecta-se que as chances de alunos de escolas privadas repetirem série são 66% menores do que os jovens de escolas públicas, incluindo outras variáveis constantes.

O que é mais impressionante desta regressão logística sobre repetência escolar é o impacto causado pela formação escolar dos pais. Para os jovens com pais

²⁴ A variável dependente é dicotômica e não contínua. A regressão OLS ou *ordinary least squares* não se mostrou apropriada quando a dependente variável não é linear. Por esta razão optamos pelo modelo logístico de regressão múltipla. Enquanto a regressão OLS se utiliza de teorias probabilísticas convencionais, a regressão logística utiliza-se de teoria probabilística binomial.

que sabem ler, a probabilidade que repetiram série diminui 55%, e as chances de repetência diminuem para 40%, se os pais tiverem concluído o ensino básico.

A regressão múltipla de jovens que repetiram série pelo menos uma vez apresenta semelhanças com a de jovens que repetiram duas ou mais séries, exceto para a formação dos pais, que deixa de ser uma variável explicativa relevante. Nesta equação, outras duas variáveis são importantes: conforme a renda familiar cresce, a chance de repetência diminui, mas conforme o número de jovens no domicílio aumenta, a chance de repetência também aumenta. Os resultados podem refletir parcialmente a diferença na amostra utilizada em cada equação. A tabela 4 somente incluiu os jovens que estão matriculados na escola (N=602), enquanto a tabela 5 incluiu todos os jovens da amostra que responderam a esta questão (N=708). Pode ser que a renda familiar e o número de jovens no domicílio influenciem no abandono da escola, sendo assim, afetam permanentemente as crianças fora da escola, mas não aqueles que estão matriculados. Por exemplo, os jovens que residem nos lares mais pobres e em domicílios com número maior de crianças apresentam as seguintes características: índices mais elevados de abandono escolar, em função da necessidade de trabalharem para aumentar a renda familiar, ou para ajudar a família no cuidado com os irmãos e irmãs.

Nenhuma das variáveis utilizadas nestas equações previu o número de jovens que iriam abandonar a escola pelo menos uma vez, em oposição àqueles que iriam repetir pelo menos uma série. Esta conclusão sugere que algumas variáveis pessoais, e não contextuais ou geográficas, identificadas na amostra, influenciaram no abandono da escola.

TABELA 5
Regressão múltipla de jovens que repetiram uma série ou mais²⁵

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Coefficiente Anti-log	Resultado
Idade	0.1385	0.0256	1.1485	0.0000**
Gênero: Masculino	0.3874	0.1594	1.4731	0.0151**
Negro	-0.0421	0.2811	0.9588	0.8810
Pardo	0.2550	0.1687	1.2905	0.1307
Escola Privada	-0.8210	0.3650	0.4400	0.0245**
Formação dos pais: sabem ler	-0.2244	0.2579	0.7990	0.3842
Formação dos pais: ensino básico completo	-0.2103	0.2093	0.8103	0.3149
Renda familiar	-0.0004	0.0002	0.9996	0.0601*
Número de jovens no domicílio	0.2239	0.0859	1.2509	0.0091**
Constante	-2.2088	0.4873	0.1098	0.0000
Nagelkerke- R Squared	0.1288			
N	708			

TABELA 6
Regressão Múltipla das Aspirações Educacionais dos Jovens²⁶

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Coefficiente Anti-log	Resultado
Idade	0.1421	0.0367	1.1527	0.0001**
Gênero: Masculino	-0.7979	0.1807	0.4503	0.0000**
Negro	-0.3114	0.3295	0.7324	0.3445
Pardo	-0.1571	0.1903	0.8546	0.4090
Escola Privada	1.0027	0.4282	2.7257	0.0192**
Formação dos pais: sabem ler	0.1251	0.3000	1.1333	0.6767
Formação dos pais: ensino básico completo	0.7398	0.4324	2.0956	0.0871*
Renda familiar	0.0001	0.0002	1.0001	0.5700
Número de jovens no domicílio	0.1662	0.0982	1.1808	0.0907*
Menos de duas séries atrasadas	1.1575	0.2097	3.1820	0.0000**
Constante	-2.2765	0.6630	0.1026	0.0006
Nagelkerke- R Squared	0.1763			
N	602			

As variáveis da amostra ajudaram a prever as aspirações educacionais: 212 dos jovens matriculados na escola, o equivalente a 36%, pretendiam completar o ensino médio ou menos. A maioria desejava concluir o ensino médio. Os demais 64% desejavam concluir a faculdade ou mais. A maioria respondeu querer terminar o terceiro grau. A tabela 6 detalha as equações sobre aspirações educacionais (igual a 1), quando o jovem deseja terminar a faculdade ou mais e (igual a 0) quando o jovem deseja terminar o ensino médio ou menos.

²⁵ Esta regressão analítica adotou o mesmo modelo de regressão logística explicitado na tabela 4.

²⁶ Esta regressão analítica adotou o mesmo modelo de regressão logística conforme explicitado na tabela 4.

A tabela demonstra que a idade apresenta efeito significativo sobre as aspirações dos jovens. Mantendo outros dados constantes, conforme o jovem fica um ano mais velho, a pretensão de ir à faculdade aumenta em torno de 15%. Esta tendência pode ser explicada da seguinte maneira: ao ficar um pouco mais velho, ele percebe a importância da formação escolar para ampliar as suas oportunidades futuras de trabalho. Estatisticamente, as mulheres planejam estudar mais do que os homens. A probabilidade de um homem jovem querer terminar a faculdade é 55% menor do que a probabilidade de uma jovem desejar concluir o terceiro grau. Os alunos de escolas particulares desejam completar a faculdade 2,7 vezes mais que os seus colegas em escolas públicas.

Se o estudante não estiver atrasado mais de uma série, ele ou ela consideram a faculdade uma opção. A probabilidade de um estudante pensar em ir para a faculdade é 3,2 vezes maior do que os jovens que tenham repetido duas séries ou mais. Até pouco tempo, estas aspirações poderiam parecer irrealizáveis, mas com o surgimento dos pré-vestibulares comunitários e das cotas para afro-descendentes na universidade, foram ampliadas as oportunidades desses jovens²⁷. Mesmo assim, o percentual dos jovens residentes no Complexo do Caju que desejam terminar o ensino universitário mantém-se bastante alto. Como referência, a amostra com os adultos concluiu que somente 1,6% concluiu a faculdade²⁸.

A universidade não é a única opção para os jovens que querem ampliar sua formação educacional. Existem diversos cursos técnicos que oferecem a possibilidade de formação mais rápida e barata, após o término do ensino médio. Isto não quer dizer que os jovens não percebam a importância da formação e do treinamento. Mais de 22% da amostra com os mais velhos indicou que eles haviam concluído um curso profissionalizante, e este percentual é semelhante para os jovens de ambos os sexos (18% relataram estar matriculados em um curso técnico). Dos que já haviam terminado algum curso, 73%

havia feito um curso de informática e 17% de inglês.

O que não foi abarcado pela pesquisa é a qualidade dos cursos, tendo em vista que muitos cursos profissionalizantes voltados para jovens de baixa renda não são rigorosos em relação ao seu conteúdo. Estes padrões de qualidade contrastam com os cursos profissionalizantes oferecidos por instituições financiadas, pelo menos em parte, com recurso federal. O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) oferecem cursos cujos valores não condizem com as condições socioeconômicas das pessoas de baixa renda. Outro agravante é a falta de formação educacional básica que permita a estes jovens acompanhar os cursos.

EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO

Enquanto o desempenho escolar é um fenômeno positivo, as experiências de trabalho entre os jovens podem ser positivas ou negativas, dependendo da idade. Durante muitos anos, o governo brasileiro e organizações como a OIT vêm trabalhando para reduzir o trabalho infantil, a fim de que os jovens possam estender seu período de formação educacional. No Brasil, o trabalho de adolescentes com menos de 16 anos de idade²⁹ é considerado ilegal. Apesar da existência da lei, número significativo de crianças trabalha. Desta forma, o governo adotou medidas de complementação de renda, como o Bolsa-Família³⁰, por exemplo, de forma a estimular a permanência da criança na escola com auxílio financeiro para as suas famílias.

²⁹ A Constituição Federal do Brasil assinala que jovens com menos de 18 anos de idade não podem realizar atividades à noite ou qualquer atividade insalubre ou perigosa. As crianças e adolescentes com menos de 16 anos de idade não podem exercer qualquer tipo de trabalho, exceto como aprendizes, função que podem começar a exercer a partir dos 14 anos de idade.

³⁰ O Programa Bolsa-Família foi criado em outubro de 2003, sendo caracterizado como o maior programa de transferência de renda no país. Os beneficiários são as famílias com renda mensal *per capita* inferior a R\$100 reais. Os pré-requisitos para a inclusão da família no programa são os seguintes: a criança deve freqüentar 85% das aulas; apresentar cartões de imunização atualizados (para as crianças entre 0-6 anos de idade); que as mulheres em fase de amamentação ou grávidas façam os exames pré-natais e de acompanhamento da criança. Para maiores detalhes, ver: Fabio Veras Soares et al., *Cash Transfer Programmes in Brazil: Impacts on Inequality and Poverty*, International Poverty Center, United Nations Development Programme and Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Working Paper, n.21, June 2006, Brasília, Brasil.

²⁷ A lei federal 3627/2004 determina que as universidades federais e cursos técnicos reservem 50% das vagas para estudantes provenientes do sistema de ensino público. Deste percentual, afro-descendentes e descendentes de indígenas terão o percentual de vagas reservadas em função do número total da população no respectivo estado.

²⁸ Iets, 2004:20.

No Brasil e em outros países, como o México, verifica-se alta incidência de abandono escolar entre as crianças no período de transição entre o ensino fundamental e o ensino médio. O Bolsa-Família é direcionado em especial para estas crianças. Entretanto, em determinado momento da vida do jovem, ter experiências de trabalho constitui um componente importante para ampliar suas oportunidades futuras. Mas em um país como o Brasil, caracterizado por desigualdades econômicas e diferenças de oportunidades, as experiências de trabalho para o jovem nem sempre podem resultar na ampliação de oportunidades no futuro. Uma ilustração disso é o caso de jovens que trabalham como ambulantes nos sinais de trânsito na cidade do Rio de Janeiro.

DEFINIÇÃO DE TRABALHO

A pesquisa realizada pelo Iets incorporou diversas atividades, incluindo aquelas sem remuneração. Segundo a definição oficial do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), *trabalho* constitui qualquer pessoa que exerça uma atividade por pelo menos uma hora na semana, independentemente de haver remuneração. Em contrapartida, pode-se argumentar que o fator mais importante para o jovem é o efeito de que determinada experiência possa vir a ter no futuro para a sua inserção no mercado de trabalho. A idéia de trabalho “bom o suficiente”, ou *good enough job*³¹, como definido internacionalmente, pode apresentar distintas conotações, incluindo, entre outras, remuneração complementar para o sustento da família. Ou ainda, segundo Juan Somavia (1999), “trabalho decente significa o respeito aos direitos, o que irá gerar um salário adequado e proteção social. Significa também postos de trabalho suficientes para incorporar todos os indivíduos em atividades de geração de renda. Assinala, portanto, o caminho para o desenvolvimento social e econômico, no qual o emprego, a renda e a proteção

social podem ser atingidos sem comprometer os direitos sociais do trabalhador” (Somavia, 1999:15).

No Brasil, a idéia de trabalho decente tende a ser associada à carteira de trabalho e ao pagamento da assistência social. No entanto, na realidade brasileira, metade da população economicamente ativa trabalha no setor informal³², sendo que muitas crianças e jovens estão envolvidos em atividades domésticas, pelas quais não recebem qualquer tipo de remuneração.

A pesquisa realizada no Caju utilizou a definição de trabalho apresentada pelo governo federal, que inclui qualquer atividade desempenhada durante pelo menos uma hora na semana. Esta pesquisa traz dados bastante detalhados sobre as experiências de trabalho dos jovens no Complexo do Caju, permitindo uma análise paralela do que pode ser considerado um “bom” trabalho, ou um trabalho “decente”. No entanto, a pesquisa não incluiu as atividades domésticas desempenhadas no ambiente familiar do jovem. Sendo assim, o percentual de 55% de homens jovens que trabalhavam na semana de referência e o de 36% para as mulheres ignoram o trabalho doméstico. Um total de 354 pessoas na amostra, ou o equivalente a 40%, já havia trabalhado em algum momento de suas vidas.

O estudo desenvolvido pelo Iets demonstrou que, entre os jovens que estavam trabalhando, 68% estavam empregados regularmente, enquanto 13% realizavam atividades domésticas com remuneração. Somente as mulheres desempenhavam atividades domésticas e apenas 29% delas estavam empregadas como tais³³. Em torno de 12% das mulheres estavam desempregadas e 6% trabalhavam sem remuneração, como autônomas.

A tabela 7 apresenta uma visão geral sobre a conexão de jovens ao mercado de trabalho no Caju. Um total de 7% já havia trabalhado, a despeito de terem menos

³¹ A Organização Internacional do Trabalho (OIT) apresenta tanto definições detalhadas quanto abrangentes sobre “trabalho decente”. A primeira pode ser encontrada em Monique Zarka-Martres e Monique Guichard-Kelly, “Decent Work, Standards and Indicators”, Working paper #58, Statistical Development and Analysis. Policy Integration Department, International Labor Office, Geneva, Switzerland, August, 2005.

³² “O percentual de trabalhadores inseridos na economia informal brasileira pode ser calculado de diferentes maneiras; conseqüentemente, os resultados também serão variados. Estudo recente demonstra que o total pode atingir em média 40 a 60% dos trabalhadores, dependendo do método utilizado. Barbosa Filho, Fernando de Holanda. “Labor Legislation and the Size of the Informal Sector, artigo não publicado, Dezembro, 2005, at professors.ibmecrj.br/ergwkshsops/papers/20060317.pdf.

³³ Iets, 2004:33.

de 15 anos de idade, e os meninos tinham duas vezes mais probabilidade de estarem inseridos nesta categoria. O número de experiências de trabalho aumentou conforme ficavam mais velhos. O percentual de jovens (homens e mulheres) entre 15 e 17 trabalhando estava um pouco acima de 20%. Na categoria 18 a 21 anos de idade, 55% dos homens estavam trabalhando, enquanto mulheres eram 36%. Um dado interessante é de que percentual significativo de jovens trabalhando possuía carteira assinada (45% para os homens com 18 a 21, e 49%, para mulheres).

Conforme esperado, o número de horas trabalhadas aumentou paralelamente à idade, e o número médio de horas trabalhadas era semelhante para homens e mulheres. O fato de apenas 23% dos adolescentes de 15 a 17 anos de idade estarem trabalhando pode parecer estranho para um cidadão norte-americano, por exemplo, porque nos Estados Unidos 39% dos adolescentes com 17 anos de idade trabalham durante o ensino médio e 48% dos jovens (com a mesma idade) trabalham durante as férias de verão³⁴. No entanto, a falta de oportunidades de trabalho no Brasil é um fator-chave para a compreensão dessas diferenças. E alguns tipos de trabalho desempenhados por jovens nos Estados Unidos são, em muitos casos, exercidos por adultos no Brasil.

³⁴ Para maiores informações, ver: *Current Trends in Youth Employment*, Bureau of Labor Statistics, US Department of Labor, November, Washington D.C, p. 30, 2000.

TABELA 7

Trabalho na semana de referência (por idade e gênero, N=893)

Gênero/Idade	Trabalhou na Semana de Referência	10 a 14 anos de idade		15 a 17 anos de idade		18 a 21 anos de idade	
		#	%	#	%	#	%
Masculino	Sim	18	10.29	25	24.27%	60	55.05
	Não	157	98.71	78	75.73	49	44.95
Feminino	Sim	12	5.15	28	22.40	54	36.49
	Não	221	94.85	97	77.60	94	63.51
Masculino e Feminino	Sim	30	7.35	53	23.25	114	44.36
	Não	378	92.65	175	76.75	143	55.64
Total		408	100	228	100	257	100

TABELA 8

Número de horas trabalhadas na semana (por idade, N=207)

Horas Trabalhadas/Idade	10 a 14 anos de idade		15 a 17 anos de idade		18 a 21 anos de idade	
	#	%	#	%	#	%
1-10 hrs	9	27.27	7	12.28	6	5.13
11-30 hrs	15	45.45	21	36.84	21	17.95
31-40 hrs	6	18.18	17	29.82	43	36.75
41-50 hrs	2	6.06	6	10.53	40	34.19
Mais de 50	1	3.03	6	10.53	7	5.98
Total	33	100.00	57	100.00	117	100.00

Entre os jovens trabalhadores, é comum que estejam trabalhando em suas próprias comunidades, dado ainda mais presente entre as mulheres. Em torno de 37% dos jovens trabalhavam em sua comunidade de origem, sendo que 70% dos homens trabalhavam fora da comunidade. No caso das mulheres, o percentual é de 47%. Quase 80% dos adolescentes de 10 a 14 anos de idade trabalhavam dentro da própria comunidade, em comparação com os jovens de 18 a 21 anos de idade, cujo percentual era de 24%³⁵.

Existem questões-chave para a obtenção de um “bom” emprego, incluindo fatores macroeconômicos e habilidades individuais, entre outras. No entanto, há outro elemento significativo, ou seja, o círculo de relações/conexões que amplia as possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Por meio destas conexões, o jovem pode ser alertado para uma oferta de trabalho ou, mais ainda, pode ter boas referências

³⁵ Iets, 2004:34.

por parte de um amigo ou familiar. As pessoas com uma rede social ampla podem, conseqüentemente, abrir seu leque de opções.

Nos classificados em geral, os postos de trabalho oferecidos são para o mercado formal. Mas para aqueles que apresentam um leque de relações/conexões, é possível saber com antecedência sobre a abertura de vagas, ou poderão ser indicados diretamente ao responsável. Estas conexões podem facilitar o acesso a um posto de trabalho dentro da comunidade, em especial, se considerarmos as características da economia brasileira, com lacunas significativas entre o mercado informal e formal. A pesquisa demonstrou que as redes sociais são muito importantes para se conseguir trabalho em uma comunidade de baixa renda.

Os 46% de jovens que estavam trabalhando, relataram haver conseguido o primeiro emprego a partir de conversas com amigos, parentes e conhecidos. Para 25%, a primeira experiência foi em uma iniciativa familiar ou de amigos. Para 26%, a primeira experiência havia “caído no colo”, por não precisarem fazer muito esforço para consegui-la, e somente 14% disseram ter abordado o empregador. Mesmo assim, conseguir um trabalho exige tempo e dedicação. Quando interrogados sobre o trabalho atual, 32% relataram que haviam levado de 61 a 180 dias para consegui-lo, enquanto para 26% o tempo médio foi de 181 dias.

Para os trabalhos “bons o suficiente”, 40% dos jovens com 18 a 21 anos de idade, no Complexo do Caju, trabalhavam com carteira assinada. Essa pesquisa permitiu análises variadas sobre os determinantes que influenciavam a obtenção de um posto de trabalho formal. Como demonstrado na tabela 9, distintas variáveis indicavam com clareza se o jovem estava trabalhando com ou sem carteira assinada.

TABELA 9
Regressão Múltipla – Emprego com Carteira Assinada³⁶

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Anti-log de Coeficiente	Resultado
Idade	0.5084	0.1495	1.6627	0.0007*
Gênero: Masculino	-0.2005	0.4878	0.8183	0.6810
Pardo	0.6884	0.5384	1.9905	0.2011
Preto	0.5401	0.7484	1.7162	0.4705
Educação: ensino médio completo	0.6490	0.6628	1.9136	0.3275
Educação: ensino fundamental	1.7722	0.6333	5.8840	0.0051*
Curso profissionalizante completo	-0.0229	0.5628	0.9774	0.9676
Curso profissionalizante incompleto	-0.5757	0.6805	0.5623	0.3975
Idade que começou a trabalhar	-0.0375	0.0946	0.9632	0.6919
Trabalho fora da comunidade	2.9079	0.8692	18.3178	0.0008*
Constante	-13.5472	3.0642	0.0000	0.0000
Nagelkerke- R Squared	0.5755			
N	156			

Quanto mais velhos, maiores as probabilidades de os entrevistados estarem trabalhando com carteira assinada. A formação escolar é uma questão central, especialmente, haver completado o ensino fundamental. Por último, a pesquisa também demonstrou que os jovens que trabalhavam fora da comunidade tinham 18 vezes mais chance de obter um emprego com carteira assinada. Estas constatações revelam que as principais fontes de trabalho estão no setor formal, e os empreendimentos que oferecem emprego (no setor formal) podem ser mais facilmente encontrados no centro da cidade ou em bairros de classe média.

CONCLUSÃO

Os jovens residentes no Complexo do Caju apresentaram grande variedade de experiências de trabalho, embora, a princípio, este percentual possa parecer baixo, se o compararmos com os dados da economia dos Estados Unidos.

Como sublinhado nos relatórios da OIT, a oferta de postos de trabalho é uma questão crucial para as economias do Sul. O número de jovens do Caju que não estava trabalhando ou estudando, população-alvo das políticas públicas, é relativamente alto. Conforme demonstrado, 17% dos homens jovens, com 18 a 21 anos de idade, e 35% das mulheres na mesma

³⁶ Esta regressão analítica adotou o mesmo modelo de regressão logística explicitado na tabela 4.

faixa etária não estavam trabalhando nem estudando no ano de referência. Esta diferença de gênero pode ser explicada pelo maior volume de trabalho das mulheres com os afazeres domésticos.

Destacamos como uma das conclusões mais importantes deste artigo a relevância da permanência do jovem o maior tempo possível na escola, para que possa ampliar suas oportunidades de inserção no mercado de trabalho. A pesquisa no Caju demonstrou que existe número significativo de jovens que precisa ampliar a sua formação educacional³⁷ para melhorar suas oportunidades de trabalho. Sem essa formação, os jovens enfrentam o risco de serem desconectados permanentemente da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Hazelruth. *Research related to Bahia street's mission and work*. Disponível em: <www.bahiastreet.org/research.pdf>. Acesso em: 2008.

ANDRADE, Maria Isabel de Toledo. *Direitos de propriedade e renda pessoal: um estudo de caso das comunidades do caju*. 2004. Dissertação (Mestrado em Economia)- Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ), Rio de Janeiro, 2004.

BUREAU OF LABOR STATISTICS, US DEPARTMENT OF LABOR. *Current trends in youth employment = características atuais sobre empregabilidade de jovens*. Washington D.C., Nov. 2000.

CARDOSO, Ana Rute; VERNER, Dorte. School drop-out and push-out factors in Brazil: the role of early parenthood, child labor, and poverty. In: _____. *Latin american and the caribbean region World Bank*. [S.l.: s.n.], 2007. (Policy Research Working Paper, 4178).

CORSEUIL, Cortes Henrique; Ramos, Lauro. Brazilian labor market performance: 1995-2005. In: SEMINAR ON LABOUR MARKETS IN BRAZIL, CHINA, AND INDIA, 2007. *Electronic proceedings...* [S.l.]: Organization for Economic Cooperation and Development, Mar. 2007. Disponível em: <www.oecd.org/dataoecd/54/27/38355614.pdf>. Acesso em: 2008.

DURYEA, Suzanne; LAM, David Lam; LEVISON, Deborah. Effects of economic shocks on children's employment and schooling in Brazil. *Journal of Development Economics*, v. 84, n. 1, p. 188-214, Sept. 2007.

FIRJAN. *Análise das informações sócio-econômicas do complexo do caju*. São Paulo: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, [s.d.].

INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION. *Improving prospects for young women and men in the world of work: a guide to youth employment*. Geneva, 2004.

_____. Secretary General's Youth Employment Network. *A global alliance for youth employment: recommendations of the high-level panel on youth employment*. Disponível em: <www.ilo.org/public/english/bureau/exrel/partners/youth/dwyp.htm>. Acesso em: 2008.

SARESS, Fabio Veras et al. *Cash transfer programmes in Brazil: impacts on inequality and poverty*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, jun. 2006. (Working Paper, n. 21).

SOMAVIA, Juan. Decent work report, ILO Director-General. In: INTERNATIONAL LABOUR CONFERENCE, 87., 1999. *Proceedings...* [S.l.: s.n.], 1999.

³⁷ As experiências dos jovens no sistema de ensino e as motivações para a saída da escola ou para a repetência escolar estão disponíveis no texto publicado em inglês no site do Instituto Woodstock www.woodstockinst.org.